

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Ezequiel Martins Ferreira
(Organizador)

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Gênero e sexualidade: lugares, história e condições

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Yaidy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Ezequiel Martins Ferreira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G326 Gênero e sexualidade: lugares, história e condições /
Organizador Ezequiel Martins Ferreira. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0078-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.783221703>

1. Identidade de gênero. 2. Sexualidade. I. Ferreira,
Ezequiel Martins (Organizador). II. Título.

CDD 306.765

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A coletânea *Gênero e sexualidade Lugares, história e condições*, reúne neste volume dezoito artigos para problematizar as relações de gênero na contemporaneidade.

A partir da virada do século XIX para o XX, com o advento da Psicanálise, estudando a histeria e se questionando sobre o que quer uma mulher, e com as discussões em torno das Ciências Sociais e Humanas, que procuravam encontrar um lugar social para os homens e mulheres, e sobretudo, com o advento das pesquisas culturais e feministas, indagando sobre a participação dos grupos minoritários na sociedade, as pesquisas sobre sexualidade e gênero ganham espaço nos meios acadêmicos.

Do questionamento sobre como se constrói uma mulher, à despatologização da homossexualidade, e à luta pela igualdade de direitos, um leque infinito de possibilidades discursivas é aberto, na tentativa tanto de remediar os efeitos danosos de intolerância e tradicionalismo, quanto de construção de subjetividades impares.

Espero que pela leitura dos textos que se seguem, uma abertura crítica sobre a diversidade das possibilidades de leituras sobre a questão do gênero surja para cada leitor.

Uma boa leitura a todos!


Ezequiel Martins Ferreira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AMOTINADAS: TEATRO COM PRÁTICA PEDAGÓGICA DE (RE)EXISTÊNCIA

Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217031>

CAPÍTULO 2..... 9

AS REPRESENTAÇÕES DO FEMINISMO NA HEROÍNA CAPITÃ MARVEL: UMA ANÁLISE
FILMOGRÁFICA DO PROTAGONISMO FEMININO NO MARVEL CINEMATIC UNIVERSE
(MCU)

Thayline de Freitas Bernadelli

Márcio José Pereira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217032>

CAPÍTULO 3..... 23

CORPOS INTERSEXOS NO ESPORTE DE ALTO RENDIMENTO

Bruna Silveira Chaves

Ludmila Mourão


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217033>

CAPÍTULO 4..... 35

GÊNERO, ESTÁ NOS PLANOS DA UNIVERSIDADE?

Rosângela Wojdela Cavalcanti


Nanci Stancki da Luz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217034>

CAPÍTULO 5..... 48

LA ESCUELA, UNA ACTORA RESPONSABLE PARA ERRADICAR LA VIOLENCIA A LAS
MUJERES A PARTIR DEL DESARROLLO DE CAPACIDADES

Daniela Francisca Lagos Chávez


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217035>

CAPÍTULO 6..... 54

MATERNIDAD COMO OBJETO DE “SALUD”. DISCURSOS, GÉNERO Y CULTURA
CONTEMPORÁNEA RESPECTO AL USO DE TECNOLOGÍAS DE REPRODUCCIÓN
HUMANA ASISTIDA

Leila M. Passerino


Noelia S. Trupa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217036>

CAPÍTULO 7..... 69

O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO” NA ESCOLARIZAÇÃO DAS FILHAS DE MULHERES
ANALFABETAS


Marileia Gollo de Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217037>

CAPÍTULO 8..... 79

POLÍTICA EDUCACIONAL E GÊNERO(S) EM ARAGUAÍNA-TO (2015-2017): DIÁLOGOS SILENCIADOS?


Fátima Maria de Lima
Osmar Oliveira de Moura
Patrícia Fonseca Dias Miranda
Luciane Cardoso do Nascimento Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217038>

CAPÍTULO 9..... 86

REFLEXÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES NEGRAS E A NECROPOLÍTICA NO CONTEMPORÂNEO


Elenson Gleison de Souza Medeiros
Rafaelly Cristina Santos da Silva
Pâmela Fernanda Vaz Ferreira
Cyntia Santos Rolim
Valber Luiz Farias Sampaio

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7832217039>

CAPÍTULO 10..... 98

TRANSMASCULINIDADE EM “A QUEDA PARA O ALTO” (1982), DE ANDERSON HERZER

Melissa Salinas Ruiz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170310>

CAPÍTULO 11 109

LA ESCOLARIZACIÓN Y SU INCIDENCIA EN LA EDUCACIÓN INTERCULTURAL: ESTUDIO DE CASOS EN CONTEXTOS MULTICULTURALES EN EL MARCO DE LA REFORMA EDUCACIONAL CHILENA


Daniela Francisca Lagos Chávez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170311>

CAPÍTULO 12..... 120

VIOLÊNCIA FINANCEIRA: ANÁLISE DAS NOTIFICAÇÕES NO ESPÍRITO SANTO NO PERÍODO de 2011 a 2018

Elisa Aparecida Gomes de Souza
Franciéle Marabotti Costa Leite
Gracielle Pampollim
Gabriela Ravete Cavalcante
Márcia Regina de Oliveira Pedroso
Edleusa Gomes Ferreira Cupertino
Fábio Lúcio Tavares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170312>

CAPÍTULO 13..... 133

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA CONTRA A MULHER E SUA LIGAÇÃO COM OS CASOS DE

FEMINICÍDIO


Ionara da Silva Soares
Bruna Thairla Soares Salazar
Marcia Juliana Barbosa da Silva
Mariana Monteiro Freitas
Marcia Regina Pereira Bilio
Pedro de Sousa Vieira
Wayla Kelly de Lima Martins
Rayane Silva Magalhaes Costeira
Graciete Rodrigues dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170313>

CAPÍTULO 14..... 142

PATRIARCADO, MACHISMO E VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER


Jaiani Vitor da Silva
Djane Alves Victor
Alexsandra Felipe de Andrade
Maria Aldene da Silva Monteiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170314>

CAPÍTULO 15..... 154

UMA REVISÃO SOBRE O ESTIGMA DA MULHER OBESA: O EXCESSO DE PESO SOBRE O CORPO GORDO

Nathália Matoso de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170315>

CAPÍTULO 16..... 164

PARTO NA PERIFERIA: A INSERÇÃO DE EXPERIÊNCIAS MARGINAIS NO MOVIMENTO DE HUMANIZAÇÃO AO PARTO E NASCIMENTO NA CIDADE DE SÃO PAULO


Laura Carvalheira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170316>

CAPÍTULO 17..... 176

ESTRATÉGIAS DE INSERÇÃO DAS IMIGRANTES VENEZUELANAS NO CONTEXTO URBANO DE BOA VISTA/RR

Alessandra Rufino Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170317>

CAPÍTULO 18..... 190

DESEMPENHO DE MENINOS E MENINAS EM TESTES DE LEITURA, ESCRITA, ARITMÉTICA, ATENÇÃO E LOCALIZAÇÃO ESPACIAL

Andréia dos Santos Felisbino Gomes
Viviani Massad Aguiar
José Salomão Schwartzman

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170318>

CAPÍTULO 19.....	213
REFLEXÕES DO OLHAR SOBRE O HOMEM E A MULHER NA PRÁTICA DOCENTE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Fábia Cristina Santos	
Ezequiel Martins Ferreira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.78322170319	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	227
ÍNDICE REMISSIVO.....	228

CAPÍTULO 7

O “NÃO MAIS” E O “AINDA NÃO” NA ESCOLARIZAÇÃO DAS FILHAS DE MULHERES ANALFABETAS

Data de aceite: 01/02/2022

Marileia Gollo de Moraes

Doutora em Educação nas Ciências (UNIJUÍ),
Mestre em Educação (UFRGS), Licenciada
em Pedagogia (URI – Campus Erechim)
Professora EBTT do IF Farroupilha – Campus
Santo Augusto/RS. Participante do Grupo de
Estudos em Política e Gestão Educacional e do
Grupo Tecnologias Educacionais e Formação
de Professores, vinculados ao IF Farroupilha
Santo Augusto/RS

RESUMO: O analfabetismo investigado como herança familiar, social, econômica, política e cultural problematiza as constatações recorrentes de que os índices de analfabetismo retratam a dívida educacional brasileira pela desigualdade no acesso à escolarização pelas diferentes gerações e estratos de renda, utilizando termos que remetem a necessidade de “tratamento”, “reparos”, “cura” ou “erradicação”. Um movimento de transição e de novas configurações dessa herança educativa, exige a produção de novos discursos. Nessa perspectiva, propõe-se compreender as transmissões trans e intergeracionais, as contradições da herança, as inscrições das heranças educativas e suas implicações escolares analisando o discurso recorrente de mulheres analfabetas, numa perspectiva foucaultiana. Frente à mobilização das mães em “dar às filhas o que não tiveram” e a delegação “a gente cria e pensa, agora, é contigo!” analisa-se o movimento empreendido pelas filhas as quais permitiram pensar dentre as

diferentes reconfigurações dessas heranças, os elementos que as identificam e as posicionam: o “não mais” analfabetas e o “ainda não” plenamente escolarizadas.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres; Analfabetismo; Heranças educativas; Escolarização.

THE “NOT ANYMORE” AND THE “NOT YET” IN THE SCHOOLING OF ILLITERATE WOMEN’S DAUGHTERS

ABSTRACT: The illiteracy investigated as a familiar, social, economic, political and cultural inheritance problematizes the recurring confirmation that the statistics of illiteracy show the Brazil’s educational debt for inequality in the access to schooling for the different generations and profiles of income, using terms that refer to the need of “treatment”, “fixing”, “cure” or “eradication”. A movement of transition and new settings of this educational inheritance requires the creation of new discourses. In this new perspective, it is proposed the comprehension of those transmissions transgenerational and intergenerational, the contradiction of the inheritance, the registrations of the educational inheritances and its scholar implications analyzing the recurring discourse of illiterate women, in a Foucauldian perspective. Facing the mothers’ mobilization of “giving their daughters what they did not have” and the delegation “we raise them and think: ‘Now, it is up to you!’” we can analyze the movement of this women’s daughters, who allowed themselves to think among the different settings of those inheritances, the elements that identify them and place them: the “not illiterate

anymore” and the “not fully schooled yet”

KEYWORDS: Women; Illiteracy; Educational inheritance; Education.

INTRODUÇÃO

As heranças educativas do analfabetismo ainda afrontam diversas gerações familiares das classes populares e se traduzem como reflexo das desigualdades nas condições de acesso ao sistema educacional que distingue os grupos conforme as posses de capital cultural, econômico e social. A taxa de analfabetismo da população de quinze anos ou mais, alcançou 6,6% (BRASIL, 2019), aproximando-se da Meta 5 do Plano Nacional de Educação (PNE) (BRASIL, 2014) que previa a redução dessa taxa para 6,5% até o ano de 2015, bem como a sua “erradicação” ao final da vigência do plano em 2024.

É uma constante a tendência de maior incidência de analfabetismo entre os homens (6,9%) se comparados às mulheres (6,3%), entre as pessoas de cor preta ou parda (8,9%) se comparados às brancas (3,6%) e entre aqueles com idade acima dos 60 anos (18%) se comparados aos grupos de idade mais jovens (6,6 % população de 15 anos ou mais, 7,9% população de 25 anos ou mais e 11,1% população de 40 anos ou mais). Outras dimensões persistentes são as Grandes Regiões, prevalecendo a Região Nordeste, a situação do domicílio, destacando-se as áreas rurais, e a renda, atingindo aqueles que pertencem ao quinto mais pobre (BRASIL, 2019). Entretanto, ponderamos as especificidades dessa estatística, observando as variações significativas na combinação de outras variáveis, como diferenças regionais dentro da mesma unidade da federação, diferenças entre municípios de uma mesma região e ainda a variação do perfil etário quando associado à renda *per capita*.

A generalização das estatísticas quanto o perfil etário da população analfabeta, atribui a condição de analfabetismo em maior escala às pessoas de 60 anos ou mais. Esse dado é visível nas estatísticas quando se trata da população com os maiores rendimentos. É perceptível o aumento da taxa de analfabetismo conforme aumenta os grupos de idade: 0,8% (15 a 19 anos), 1,2% (20 a 24 anos), 1,9% (25 a 34 anos), 3,6% (35 a 44 anos), 7,1% (45 a 54 anos), 14,8% (55 a 64 anos) e 70,6% (65 anos ou mais) (BRASIL, 2019).

Contudo, identificamos um contraste quando se trata da distribuição da população analfabeta no quinto¹ com menores rendimentos: 1,6% (15 a 19 anos), 2,3% (20 a 24 anos), 9,4% (25 a 34 anos), 22,8% (35 a 44 anos), 30,6% (45 a 54 anos), 21,5% (55 a 64 anos), 11,8 % (65 anos ou mais) (BRASIL, 2019). Enquanto na camada da população com maiores rendimentos o maior índice de analfabetismo está no grupo etário dos 65 anos ou mais, na camada da população com menores rendimentos, a taxa de analfabetismo é

¹ Classificação da população em ordem crescente da renda de interesse (rendimento domiciliar *per capita*, rendimento efetivo ou habitual do trabalho etc.) e depois dividida em 15 classes (ou grupos) com percentuais da população previamente definidos. O primeiro quinto possui as 20% unidades com menores rendimentos, e o último quinto possui as 20% unidades com maiores rendimentos (BRASIL, 2019).

preponderante nos grupos etários de 35 a 44 anos e 45 a 54 anos. É provável que sejam filhos e filhas ou netos e netas de analfabetos e analfabetas já que o acesso, os percursos escolares e a mobilidade educacional são condicionados pelo pertencimento econômico, social, histórico, político e cultural que se envolvem os recortes de classe, gênero, cor/etnia, geração.

Nos dados da Síntese dos Indicadores Sociais (SIS) sobre mobilidade educacional da população brasileira é possível verificar que quanto maior o nível de instrução dos pais e das mães, maior a proporção de filhos e filhas que alcançam o nível superior completo. Tal contraste pode ser observado quando os dados mostram que 4,6% dos filhos e filhas de pais e mães sem instrução conseguiram concluir o Ensino Superior enquanto que nas famílias em que pais e mães também possuíam Ensino Superior completo, esse percentual é de 69,6% de filhos e filhas com este nível de ensino (BRASIL, 2017).

Também observamos variações significativas nas diferenças regionais dentro da mesma unidade da federação e entre municípios de uma mesma região. Tomamos para essa análise o seguinte contexto de pesquisa: a região Celeiro² no Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Sobre a Região Celeiro e seus 21 municípios tivemos acesso apenas aos dados do Censo Demográfico de 2010, prejudicando o comparativo com os dados atualizados disponíveis a respeito do Estado do RS, da região sul e do país³.

A Região Celeiro apresenta uma taxa de analfabetismo entre sujeitos de 15 anos ou mais de 8,55%. Dos 21 municípios que a compõem, 12 apresentam índices elevados de analfabetismo igual ou superior à região norte⁴ do país (9,1%), são eles: Santo Augusto (9,1%), Miraguai (9,7%), Derrubadas e Esperança do Sul (9,8%), Barra do Guarita (9,9%), Bom Progresso (10,2%), Inhacorá (10,6%), Tiradentes do Sul (10,8%), Coronel Bicaco (11,3%), Campo Novo (13%), São Valério do Sul (13,7%), Braga (13,8%). O município de Redentora (16,3%) apresenta índice de analfabetismo superior à região nordeste do Brasil (16,2). São apenas 8 municípios⁵ que diferem dessa constatação, e Humaitá (3,6%) se destaca por ter recebido o selo de município livre de analfabetismo do MEC em 2014, é o único município que se aproxima do índice da região sul (3,3%).

A localização da região noroeste do Estado do RS está marcada pelas relações de desigualdades e exploração econômicas, políticas e sociais desde sua origem. As grandes propriedades e o poder de determinados grupos se legitimaram desde a instituição do sistema de posses, oficializando o espírito latifundiário e descaracterizando as populações

2 O Conselho de Desenvolvimento Regional (COREDE) Celeiro é composto por vinte e um municípios da região noroeste do RS: Barra do Guarita, Bom Progresso, Braga, Campo Novo, Chiapetta, Coronel Bicaco, Crissiumal, Derrubadas, Esperança do Sul, Humaitá, Inhacorá, Miraguai, Redentora, Santo Augusto, São Martinho, São Valério do Sul, Sede Nova, Tenente Portela, Tiradentes do Sul, Três Passos, Vista Gaúcha. A região Celeiro é dedicada principalmente à cultura de grãos, como soja, milho e trigo, principalmente em monoculturas, mas nos últimos anos a suinocultura tem crescido bastante na região (PESSOA, 2017).

3 A taxa de analfabetismo da população acima de quinze anos no Brasil é de 6,6%, na região Sul (3,3%), no Estado do Rio Grande do Sul (2,6%) (BRASIL, 2019).

4 As taxas das Grandes Regiões tem como fonte a PNAD 2015 (BRASIL, 2015).

5 Sede Nova (8,7%), Tenente Portela (8,6%), Chiapeta (6,3%), São Martinho (6,2%), Vista Gaúcha (6,1%), Três Passos (5,3%), Crissiumal (4,8%), Humaitá (3,6%).

nativas, indígenas e caboclos, e suas racionalidades econômicas e culturais, legalizando os sujeitos da riqueza e da pobreza em nome da modernização do Estado (TEDESCO e ZARTH, 2010). Originariamente, a região restringiu as possibilidades de escolarização para as classes populares.

Nessa perspectiva, de romper com as generalizações discursivas a respeito da condição do analfabetismo, o texto traz um recorte da tese “Mulheres analfabetas e inscrições de suas heranças: aproximações e distanciamentos na educação de suas filhas” (MORAES, 2018). Problematiza a fragilidade dos projetos de escolarização plena⁶ das herdeiras do analfabetismo, analisando o discurso recorrente de mulheres analfabetas em “dar às filhas o que não tiveram” e sua mobilização em delegar responsabilidades a elas: “a gente cria e pensa, agora, é contigo!”. Inicia, na próxima seção, com a apresentação das perspectivas metodológicas. Na sequência, recorre aos conceitos de geração e heranças educativas para compreender o movimento empreendido pelas filhas de mulheres analfabetas na reconfiguração de suas heranças educativas o que as posiciona como “não mais” analfabetas e “ainda não” plenamente escolarizadas.

PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS

A pesquisa investigou as egressas do Programa Mulheres Mil⁷ do IFFar – *Campus* Santo Augusto/RS que declararam-se analfabetas no momento da inscrição para o Curso de Qualificação em Higiene, Conservação e Produção de Alimentos. Chamou atenção o fato de que em cada grupo de cem mulheres, por dois anos consecutivos (2012 e 2013), 7% delas eram analfabetas, evidenciando uma certa representatividade das estatísticas locais, regionais e nacionais. Desenvolvemos dois movimentos de entrevistas e análises: o primeiro, para investigar o analfabetismo como herança educativa, contou a participação das sete mulheres da turma do ano de 2013. O segundo movimento apenas com duas⁸ delas, focando na reconfiguração dessas heranças pelas suas filhas e netas. O recorte trazido nessa escrita faz parte do segundo movimento de análise.

Operou-se metodologicamente na análise do discurso na perspectiva dos enunciados. Discurso é aqui compreendido como um conjunto de enunciados que se apoiam na mesma formação discursiva e podem ser tratados como conjuntos de acontecimentos discursivos.

6 Escolarização plena refere-se à Educação Superior, com base no art. 21 da Lei n. 9394/96: “A educação escolar compõe-se de: I – educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II – educação superior” (BRASIL, 1996).

7 O Programa Mulheres Mil passou a ser uma das ações do Ministério do Desenvolvimento Social mediante o Plano Brasil Sem Miséria, no eixo inclusão produtiva urbana a partir de 2011. Porém, desde 2005 foi desenvolvido como um projeto piloto entre CEFETRN (Natal) e o Niagara College, e em 2007 como Programa de cooperação técnica entre o Brasil e o Canadá, nos Estados que faziam parte da Rede Norte e Nordeste de educação tecnológica. A partir de 2012 expandiu-se para as demais regiões do país, disponibilizando em 2014 um total de 81.521 vagas em 176 tipos de cursos em 694 municípios de todos os estados do país. No IFFAR foi iniciada a oferta em 2012, e no campus Santo Augusto/RS reuniu 100 mulheres nesse primeiro ano e mais 100 mulheres no ano de 2013 no curso de Higiene, Conservação e Produção de Alimentos.

8 Os critérios de seleção foram: ter filha mulher, a frequência com que se referiram à mesma na sua entrevista, e dispor-se a falar mais da relação mãe e filha.

O acontecimento é sempre tido no âmbito da materialidade em que ele se efetiva, produz-se como efeito de e em uma dispersão material. O discurso funciona nas coisas ditas, na materialidade, e não como algo a ser interpretado (FOUCAULT, 1999).

A respeito da operacionalização da análise do discurso, optamos pelo caminho já percorrido por Fischer (2001, 2012) ao trabalhar com a perspectiva dos enunciados, compostos por quatro elementos básicos: o referente, o fato de ter um sujeito que pode afirmar efetivamente aquilo, o fato do enunciando não existir isolado, mas sempre em associação e correlação com outros enunciados do mesmo discurso (diferentes campos discursivos) e a sua materialidade.

Localizamos como referente o público-alvo do Programa Mulheres Mil: mulheres com histórico de adulez precoce e precarização dos processos de escolarização, de inserção no mundo do trabalho formal e de renda mínima. A análise da caracterização discursiva do público-alvo nos documentos⁹ do Programa Mulheres Mil, e da sistematização das entrevistas narrativas das mulheres participantes da pesquisa, afirmam a existência de sujeitos e compõem a materialidade dos enunciados em correlação com diferentes campos discursivos: da política pública, da história das mulheres nos aspectos da educação, da escolarização e das possibilidades de trabalho formal e renda.

Mulheres, gerações, heranças educativas e possibilidades de mobilidade educacional

Neste estudo optamos pelo termo mulheres porque elas são o foco da investigação, e o conceito de gênero, na perspectiva pós-estruturalista, fundamenta as singularidades de cada mulher, os movimentos geracionais, as relações sociais e familiares. Porque gênero, por esse viés teórico, enfatiza essa pluralidade e conflitualidade dos processos pelos quais a cultura constrói e distingue corpos e sujeitos femininos e masculinos, torna-se necessário considerar que isso se expressa pela articulação de gênero com outras marcas sociais, como classe, raça/etnia, sexualidade, geração, religião, nacionalidade (MEYER, 2004; SCHWENGBER, 2006).

Uma geração não é formada apenas por pessoas de mesma idade ou nascidas numa mesma época, mas também por pessoas que foram modeladas numa época dada (posição geracional) por um mesmo tipo de influência-educativa, política ou cultural (conexão de geração) ou que vivenciaram e foram impressionadas pelos mesmos eventos. Desenvolvem sobre a base de uma experiência comum ou semelhante, os elementos de uma consciência de se ter vínculos em comum, o que pode ser chamado de “sentimento de geração” ou ainda de “consciência de geração” (unidades geracionais) (FORQUIN, 2003; MANNHEIM, 1993).

⁹ Termo de Cooperação da Proposta de Projeto Mulheres Mil (BRASIL, 2006), Base Legal do PMM (s.d.), Guia Metodológico do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito das Mulheres Mil (s.d.) e Cartilha Pronatec/BSM/Mulheres Mil (2014).

A partir dessa concepção de geração, passamos a considerar as pesquisadas como uma geração de mulheres analfabetas. Constatamos que viveram sua infância nas décadas de 50 e 60 do século XX em que 50% da população de quinze anos ou mais era analfabeta, sendo a escolarização restrita e praticamente inexistente para alguns, fosse por conta de questões culturais da época, de supervalorização do trabalho, do lugar destinado às mulheres, associados à precariedade das políticas educacionais, e de um modo dos pais e mães projetarem às futuras gerações a sua sucessão.

Somente nos anos 80 do século XX “a mulher casada brasileira rompeu um ciclo – fora educada pela mãe de modo muito semelhante ao que já ensinara a avó, no entanto, dava à filha conselhos que construiriam gerações de mulheres diferentes” (DEL PRIORE, 2013, p. 83). Esse contexto possibilitou às mães redimensionarem seu discurso na educação das filhas, projetando para elas um futuro diferente do seu presente e do legado de três gerações. Isso reflete nas heranças, dentre elas a escolarização. Mães analfabetas ou com escolaridade mínima (assim como as participantes dessa pesquisa) também puderam incentivar as filhas a continuarem os estudos, a conquistarem espaço no mundo do trabalho e, possivelmente, a independência financeira.

Além da herança familiar, o sujeito é compreendido como produto de muitas outras heranças: a social, a econômica e a cultural, próprias do contexto em que sua família está inserida no momento de seu nascimento e desenvolvimento (MALUSCHKE, 2008). E assim como o contexto muda, modificam-se, também, os processos de transmissão de valores, crenças e legados sociais repassados às novas gerações. Há definições de novos padrões de comportamento, bem como há aqueles que perpassam a história e se mantêm ao longo da sociedade, constituindo-se num processo de transgeracionalidade social (ZORDAN; FALCKE; WAGNER, 2014).

Nessa perspectiva, o indivíduo é caracterizado por uma bagagem socialmente herdada que inclui o capital econômico, o capital social e o capital cultural institucionalizado. O capital cultural é o elemento da bagagem familiar que tem maior impacto na definição da trajetória escolar. Os capitais econômico e social funcionam como meios auxiliares na acumulação do capital cultural (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002). Nesse sentido, o acesso à educação constitui uma das maneiras mais efetivas de se combater a transmissão das desigualdades ao longo das gerações.

A seu modo, conforme suas condições e patrimônio cultural, social, econômico, a família tem um papel indispensável nos processos de escolarização. Comumente, as relações são atravessadas por estranhamentos culturais que aumentam conforme diminui o patrimônio familiar. E isso interfere significativamente nas trajetórias de escolarização das classes populares, que oscilam entre a longevidade escolar e as interrupções deste percurso. De fato, afirma Zago (2011), a escolaridade não obedece ao tempo “normal” de entrada e permanência até a finalização de um ciclo escolar, mas se define no tempo “do possível” produzindo “excluídos potenciais.”

O “Não mais” e “ainda não” nas heranças educativas do analfabetismo de mulheres

“Não mais e ainda não” é como Arendt (2008) intitula a resenha do livro *A morte de Virgílio* e nos inspira a pensar, por meio dessa metáfora, a posição¹⁰ das filhas das mulheres analfabetas, nomeadas ficticiamente como Isaura e Dalva, nessa perspectiva da inscrição das heranças educativas. As mães herdaram o analfabetismo do contexto da geração antecessora e inscreveram o incentivo à escolarização como herança educativa às suas filhas, ao enunciarem o desejo de “dar às filhas o que não tiveram”. Acolheram o que veio antes delas, mas se responsabilizaram com o que estava por vir, rompendo com o discurso das gerações anteriores, produziram questionamentos e estratégias para a sua condição de analfabetismo. Formularam respostas pelas quais educaram e possibilitaram experiências sociais diferentes às suas filhas, e delegaram responsabilidades “a gente cria e pensa, agora, é contigo”, como podemos observar nos quadros a seguir.

Nome	Posição na Fratria ¹¹	Idade	Série concluída	Grau de escolarização	Motivos da interrupção da escolarização
Cleo	2 ^a	50	4 ^a	E. F. inc.	Escola rural oferece até a 4 ^a série e falta de transporte escolar público para ir à cidade
Mari	3 ^a	48	4 ^a	E. F. inc.	
Elis	5 ^a	46	4 ^a	E. F. inc.	
Berenice	6 ^a	45	5 ^a	E. F. inc.	Trabalho e casamento
Vânia	7 ^a	38	5 ^a	E. F. inc.	Casamento

Quadro 1 – Escolaridade das Filhas de Isaura.

Fonte: Entrevista narrativa.

Nome	Posição na Fratria ¹²	Idade	Série/ano concluídos	Grau de escolarização	Motivos da interrupção da escolarização
Cris	1 ^a	47	8 ^a	E. F. inc.	Casamento
Dara	2 ^a	43	2 ^o	E. M. inc.	Casamento
Júlia	4 ^a	36	3 ^o	E. M. comp.	Falta de recursos financeiros para cursar Ensino Superior

Quadro 2 – Escolaridade das Filhas de Dalva.

Fonte: Entrevista narrativa.

Os quadros 1 e 2 expõem o avanço na escolarização das filhas conforme sua posição mais recente na fratria, o que provavelmente está associado às reconfigurações discursivas

¹⁰ Posicionamento aqui se refere ao conceito foucaultiano em que “posições de sujeito” se definem pela situação em que é possível o sujeito ocupar em relação às práticas sociais, aos diversos domínios discursivos (FOUCAULT, 2008).

¹¹ A primeira e quarta posição na fratria são ocupadas pelos filhos. F1 é falecido e Isaura desconhece o grau de escolaridade de F2. Informou sobre a participação em vários cursos na vida adulta.

¹² A terceira posição na fratria é ocupada pelo filho, que estudou até o 2^o ano do Ensino Médio, interrompendo por motivo de gravidez da namorada, seguida do casamento.

sobre educação das mulheres com o passar dos anos e ainda com o investimento em políticas públicas¹³ que envolvam as classes populares, principalmente a partir da década de 90 do século XX. As mais novas terem se beneficiado das melhores condições de estudo na família, também, pode ter influência do auxílio das irmãs mais velhas nas tarefas escolares. Conforme Romanelli (2013), é necessário considerar a dinâmica interna das famílias, pois a vida familiar não é sempre a mesma ao longo de sua trajetória, e o modo como cada filha incorpora a herança familiar tende a ser diferente conforme sua posição na fratria. E embora a mobilização dos pais e dos filhos possa contribuir para o percurso escolar destes, não é suficiente para a diminuição das desigualdades escolares, pois depende igualmente da postura de cada filho ou filha diante da escolarização.

Independentemente da série e nível de ensino em que houve interrupção na escolarização, os motivos coincidem em casamento e gravidez para a metade delas. A outra metade ficou assim dividida: as três filhas mais velhas de Isaura interromperam por motivo que a escola não possibilitava a continuidade dos estudos no meio rural e ausência de transporte escolar público que as levasse até a cidade. Quanto a filha mais nova de Dalva, por conta de dificuldades financeiras para ingressar na Universidade.

As filhas acolheram as investidas das mães para tornarem-se seu próprio acabamento, a sua superação (BOURDIEU, 2007), tanto que avançaram nos graus de escolarização, cada qual na sua especificidade conforme as condições e opções, o que as coloca na posição de “não mais” analfabetas. Porém, dentre as oito, apenas uma concluiu o Ensino Médio, e tinha o desejo de continuidade dos estudos no Ensino Superior. Uma delas tem Ensino Médio incompleto, e as outras seis o Ensino Fundamental incompleto, o que as coloca na posição de “ainda não” plenamente escolarizadas. Como diz Arendt (2008), uma espécie de abismo vazio entre um passado que se perdeu e um futuro que ainda não surgiu.

E esse futuro surgiria da possibilidade de escolarização plena para essas filhas de mulheres analfabetas, porém, não vemos pistas de concretização da retomada dos estudos pelo tempo que se passou da interrupção dos estudos até o momento. Por outro lado, há pistas de esperanças na trajetória escolar de algumas netas e netos. Essa será a primeira geração nas famílias de Isaura e Dalva que provavelmente terá acesso ao Ensino Superior.

Essa transformação foi fortalecida com as políticas institucionais e governamentais afirmativas de inclusão social implantadas nos primeiros anos do século XXI: políticas de caráter institucional, políticas de cotas ou bônus e uma política governamental, como o Programa Universidade para Todos/ProUni, que dão acesso ao Ensino Superior a uma nova população oriunda das classes populares e das escolas públicas, declarados

13 Bolsa Família, Programa Social de Erradicação do Trabalho Infantil (Peti) e o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (Projovem). As possibilidades de escolarização para as mulheres também se ampliaram nesse momento, pois esses programas, por meio de um conjunto de incentivos, buscaram com que essa população pudesse permanecer frequentando os bancos escolares até concluir o ensino secundário. Plano Brasil Sem Miséria, a partir de 2011, realizados em interação e parceria entre o MDS e o MEC.

afrodescendentes, indígenas ou com necessidades especiais (NEVES, 2013). Essa progressão no sistema escolar e ingresso no Ensino Superior permite, às vezes, um cenário de mudanças no próprio capital social e cultural da família (LIMA, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As filhas das mulheres analfabetas investigadas na pesquisa foram investidas de um movimento pró-escola pelo querer das mães que suas histórias de escassez não se repetissem, a não ser nos elementos afetivos como o respeito nos relacionamentos e as crenças trazidas de herança dos antepassados. Nesse ponto, as mães desejam para as filhas o que tem e são, pois a dimensão do legado familiar é o que aproxima mães e filhas (BOURDIEU, 2007).

Ao mesmo tempo, apelam para a sua superação no que se refere à ausência de escolarização, incentivando a negação da mãe real e a aceitação de uma mãe ideal, ou seja, superá-la, tornar-se o seu próprio acabamento. Por isso, o discurso recorrente de “dar às filhas o que não tiveram” parece se referir ao incentivo à escolarização, para que elas não se repetissem na experiência de mulheres analfabetas e em tudo o que disso decorre.

As filhas herdeiras responderam de formas diversas ao movimento empreendido pelas mães. Todas superaram as mães no que se refere à escolarização, porém nenhuma delas chegou ao Ensino Superior. E as diferenças entre as mulheres, nesse aspecto, transitam entre os elementos de tempo e geração que se refletem nas transformações culturais e na consolidação de políticas públicas em educação, sendo que as mais novas têm mais longevidade escolar. Outro fator relevante, a situação de domicílio, já que entre as filhas oriundas do meio rural predominou o Ensino Fundamental incompleto e no meio urbano constatamos a conclusão de Ensino Médio.

As heranças educativas se configuram originariamente das relações entre mães e filhas, porém atravessadas por outras instâncias de socialização, na comunidade, na escola, no ambiente de trabalho e demais interações sociais. A apropriação das heranças educativas, por parte das filhas, dependeu da predisposição de cada uma delas e das condições sociais. São herdeiras, e essa condição as permite acolher o que lhes é atribuído, escolher o que acreditam que pode ser perpetuado em sua linhagem, o que é passível de mudança e excluir o que não desejam seguir. Esses são os indicadores da possibilidade de reconfigurações das heranças educativas, de uma articulação entre memória e projeto.

Ao identificar a condição do “não mais” e do “ainda não” na escolarização das filhas das mulheres analfabetas nos autorizamos a cunhar o analfabetismo como uma herança educativa e a precarização dos processos de escolarização como heranças educativas do analfabetismo, propondo outra abordagem aos campos discursivos desta temática (MORAES; SCHWENGBER, 2020).

REFERÊNCIAS

ARENDT, Hannah. *Compreender: formação, exílio e totalitarismo (ensaios)*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

BOURDIEU, Pierre. As contradições da herança. IN: NOGUEIRA, Maria Alice; CATANI, Afrânio (Org.). *Escritos de Educação*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2007, p.229-237.

BRASIL. *Base Legal do Programa Nacional Mulheres Mil: educação, cidadania e desenvolvimento sustentável*. Brasília: [s.d.]. Disponível em: <<https://map.mec.gov.br/projects/mulheres-mil/documents>>. Acesso em 15 set. 2020.

BRASIL. *Guia Metodológico do Sistema de Acesso, Permanência e Êxito*. [s.d.] Disponível em: <<https://map.mec.gov.br/projects/mulheres-mil/documents>>. Acesso em: 19 set. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Lei n. 9394/96*, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em: 06 set. 2020.

BRASIL. *Proposta de Projeto Mulheres Mil: educação, cidadania e desenvolvimento sustentável*. Association of Canadian Community Colleges, Canadá e Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica, Brasil, 2006.

BRASIL. Mulheres mil. *Documentos*. 2013. Disponível em: <<https://map.mec.gov.br/projects/mulheres-mil/documents>>. Acesso em 12 ago. 2020.

BRASIL. MEC. *Cartilha do Programa Mulheres Mil*. 2014b. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/programa-mulheres-mil/pronatec-mulheres-mil>>. Acesso em 15 ago. 2020.

BRASIL. *Pesquisa nacional por amostra de domicílios: síntese de indicadores 2015*. IBGE, Coord. de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro, IBGE: 2015.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. *Lei n. 13.005*, de 25 de junho de 2014. Plano Nacional de Educação – PNE. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 17 ago. 2020.

BRASIL. *Síntese dos Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2017*. IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101459.pdf>> Acesso em: 05 julho. 2020.

BRASIL. *Síntese dos Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira 2019*. IBGE. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf> Acesso em 10 de julho de 2020.

DEL PRIORE, Mary. *Conversas e histórias de mulher*. São Paulo: Planeta, 2013.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Trabalhar com Foucault: arqueologia de uma paixão*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

FORQUIN, Jean-Claude. Relações entre gerações e processos educativos: transmissões e transformações. In: CONGRESSO NACIONAL CO-EDUCAÇÃO DE GERAÇÕES. 2003, São Paulo. *Anais do Congresso Nacional Co-educação de Gerações*. São Paulo: SESC, 2003. Disponível em: <http://www.sescsp.org.br/sesc/hotsites/congresso_intergeracoes/JeanClaudeForquin_

conferenciaTraduzida.doc>. Acesso em: 15 jan. 2020.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LIMA, Márcia. As novas políticas de inclusão escolar e as famílias: o caso dos beneficiários do PROUNI na região metropolitana de São Paulo. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Org.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.312-333.

MALUSCHKE, Júlia Sursis Nobre Ferro Bucher. Do transgeracional na perspectiva sistêmica à transmissão psíquica entre as gerações na perspectiva da psicanálise. In: PENSO, Maria Aparecida; COSTA, Liana Fortunato (Org.). *A transmissão geracional em diferentes contextos: da pesquisa à intervenção*. São Paulo: Summus, 2008, 76-96.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. [Tradução: Ignacio Sanchez de la Yncera], *Revista Española de Investigaciones Sociológicas (REIS)*, n. 62, p. 193-242, 1993. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/766796.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MEYER, Dagmar Estermann. Teorias e Políticas de Gênero: fragmentos históricos e desafios atuais. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 57, n. 1, p. 13-18, jan./fev. 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/61854>>. Acesso em: 15 jul. 2020.

MORAES, Marileia Gollo de. Mulheres analfabetas e inscrições de suas heranças: aproximações e distanciamentos na educação de suas filhas. Tese (Doutorado em Educação nas Ciências) Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências. Mestrado e Doutorado. Universidade Regional do Noroeste do Rio Grande do Sul. Ijuí, 2018.

MORAES, Marileia Gollo de; SCHWENGBER, Maria Simone Vione. *Heranças educativas do analfabetismo de mulheres*. Curitiba: Appris, 2020.

NEVES, Clarissa Baeta. Trajetórias escolares, famílias e políticas de inclusão social no Ensino Superior brasileiro. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Org.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.278-311.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A Sociologia da Educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. *Educação e Sociedade*, ano XXIII, n. 78, abril/2002.

PESSOA, M.L. (Org.). *Educação no RS*. In: _____. Atlas FEE. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <<http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/demografia/educacao-no-rs/>>. Acesso em: 22 de julho de 2020.

ROMANELLI, Geraldo. Levantamento crítico sobre as relações entre família e escola. In: ROMANELLI, Geraldo; NOGUEIRA, Maria Alice; ZAGO, Nadir (Org.). *Família & Escola: novas perspectivas de análise*. Petrópolis: Vozes, 2013, p.29-60.

SCHWENGBER, Maria Simone Vione. Donas de si? A educação dos corpos grávidos no contexto da Pais & Filhos. Tese (Doutorado em educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8937/000591456.pdf>>. Acesso em 14 fev. 2020.

TEDESCO, João Carlos; ZARTH, Paulo Afonso. Configuração do território agrário no norte do Rio Grande do Sul: apropriação, colonização, expropriação e modernização. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 151-171, 1º sem. 2010. Disponível em: <<http://seer.upf.br/index.php/rhdt/article/view/3213>>. Acesso em: 8 mar. 2020.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares: as contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir. *Família & Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2011, p.17-43.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. Copiar ou (re)criar? Perspectivas histórico-contextuais do casamento. In: WAGNER, Adriana (Org.). *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014, p.47-65.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ações políricas 1, 7

Amotinadas 3, 1, 3, 4, 5, 6, 7

Analfabetismo 67, 68, 69, 70, 73, 75, 77, 217, 218, 225

Aprendizagem 21, 146, 190, 191, 196, 198, 208, 211, 219

Artes da cena 1, 2, 5, 8

Aspectos histórico-culturais 86

B

BNCC/2017 79, 80, 81, 82, 84

C

Capitã marvel 3, 9, 12, 13, 14, 16, 18, 21

Casa de parto 164

Cinema 9, 10, 11, 21

Cognição 128, 190, 208, 210

Contexto urbano 5, 176, 177, 181

Contrassexualidade 98, 102, 103

Corpo gordo 5, 154, 159, 162

D

Desarrollo de capacidades 3, 48, 50, 51, 110, 114, 115, 117

Desarrollo humano 48, 109, 110, 116, 117, 119

Diferença 139, 148, 157, 160, 164, 169, 189, 190, 191, 192, 193, 196, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 225

E

Educação 6, 4, 5, 7, 22, 23, 33, 34, 36, 38, 43, 47, 67, 68, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 91, 95, 97, 104, 127, 133, 134, 142, 143, 146, 160, 161, 162, 165, 176, 192, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227

Educación sexual integral 48, 50, 51, 52

Epidemiologia 97, 120, 121, 130, 211

Escolarização 3, 67, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 78, 216, 217, 224

Escuela 3, 48, 50, 52, 53, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 117, 119, 210

Esporte 3, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34

F

Feminicídio 5, 87, 96, 97, 133, 134, 137, 139, 140, 150, 151, 152, 153

Feminismo 3, 3, 4, 8, 9, 10, 12, 21, 22, 32, 43, 52, 53, 65, 85, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 140, 153, 162, 175

G

Gênero 1, 2, 3, 4, 2, 4, 9, 10, 11, 12, 20, 21, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 43, 47, 69, 71, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 127, 128, 134, 136, 137, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 168, 171, 172, 174, 181, 186, 187, 190, 209, 210, 211, 212

H

Heranças educativas 67, 68, 70, 71, 73, 75, 77

Humanização 5, 164, 165, 167, 170, 171, 172, 173, 174, 175

I

Identidade 12, 25, 26, 27, 30, 32, 34, 35, 36, 37, 43, 82, 84, 85, 89, 96, 98, 101, 104, 105, 106, 107, 156, 158, 162, 175, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 225

Indígena 109, 110, 111, 112, 114, 116, 151

Interculturalidad 109, 110, 114, 116, 117, 118, 119

Intersexo 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 38

L

Literatura 92, 98, 99, 101, 102, 103, 107, 128, 129, 154, 158, 160, 161, 208

M

Maternidad 3, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66

Migrante 109, 110, 182, 183, 184, 185, 188

Motim 1, 2, 3, 4, 6, 7, 8

Mulher 4, 5, 12, 20, 22, 86, 87, 88, 89, 95, 122, 126, 127, 130, 131, 133, 134, 135, 140, 142, 154, 167

Mulheres 2, 3, 4, 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 36, 67, 68, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 105, 121, 122, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 158, 159, 160, 161, 164, 165, 166, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 189, 191, 192, 196, 197, 198, 206, 207, 209, 211, 213, 215, 218, 222

Mulheres negras 4, 19, 20, 86, 88, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 164, 166, 168, 171, 175
Mulheres venezuelanas 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

N

Necropolítica 4, 86, 94, 97

Notificação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 128, 130, 132

P

Pedagogias feministas 1

Plano de desenvolvimento institucional 35, 38, 43

PMEA-TO/2015 79, 80, 81, 82, 83, 84

PNE/2014 79, 80, 81, 82, 84

R

Redes sociais 105, 139, 176, 178, 187, 188, 189

Representação 9, 11, 12, 20, 21, 24, 32, 98, 99, 101, 103, 108, 153, 157, 158, 195, 196

S

Sexo 10, 14, 17, 20, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 37, 52, 53, 56, 65, 66, 84, 86, 88, 103, 104, 108, 114, 119, 120, 123, 124, 125, 127, 129, 135, 136, 137, 139, 144, 145, 146, 148, 150, 152, 153, 157, 158, 160, 162, 166, 174, 188, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 199, 204, 206, 208, 210, 211

Sistema de informação 120, 121, 122, 123, 125, 126, 132

T

Teoria queer 33, 34, 98, 99, 102

Transexualidade 98, 100, 104

U

Universidades 1, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 152

V

Violência 4, 5, 19, 38, 42, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 104, 107, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 146, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 164, 169, 176, 181

Violência doméstica 4, 87, 88, 94, 95, 96, 130, 133, 134, 137, 138, 139, 140, 143, 149, 150, 151, 152

Violencia hacia las mujeres 48, 49, 53

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

GÊNERO E SEXUALIDADE: Lugares, história e condições



Atena
Editora

Ano 2022